

9. Espiritualidade do Seguimento de Jesus-servo

9.1. Introdução

A Cristologia da Libertação de Jon Sobrino é a do Seguimento de Jesus⁹⁵³. Esse seguimento de Jesus é profundamente espiritual como atestam outros teólogos da libertação⁹⁵⁴. A Igreja dos pobres faz sua caminhada acompanhando a história com seu progresso e técnica, ao mesmo tempo, propõe novas formas de vida espiritual com o intuito de um amadurecimento perseverante tendo em vista os grandes valores necessários para a vida em âmbito planetário⁹⁵⁵. Percebe-se claramente no mesmo caminhar com práxis semelhante no seguimento de Jesus: Dom Pedro Casaldáliga e o teólogo José Maria Vigil⁹⁵⁶. Entretanto, faz-se necessário observar como Sobrino escreve sobre espiritualidade do Seguimento de Jesus. Aliás, seguir Jesus é uma espiritualidade⁹⁵⁷. Também esses dois supracitados escrevem sobre espiritualidade dos povos crucificados. É interessante a abordagem, pois comungam em estreita sintonia com os povos crucificados, os quais, historicamente ressuscitam pelas suas lutas construindo o Reino de Deus. Eles chamam-no de “Novo Povo pascal latino-americano⁹⁵⁸”.

9.2. Lucidez crítica

O novo povo pascal possui uma lucidez crítica⁹⁵⁹ porque consegue uma consciência crítica mediante a sua caminhada histórica iluminada pela Palavra de Deus, quando lida, refletida e assumida como realidade fundamental de sua vida. Pelo menos por três vetores acontecem essa lucidez crítica. Primeiro são as comunidades eclesiais de base, pois têm uma longa caminhada da Palavra de Deus quando fazem uma hermenêutica histórico-crítica em três dimensões: o texto

⁹⁵³ BOMBONATTO, V. I. *Seguimento de Jesus: Uma abordagem segundo a Cristologia de Jon Sobrino*. São Paulo: Paulinas, 2002. Esta obra é a sua tese doutoral. Toda a temática do livro é sobre o seguimento de Jesus na perspectiva de Jon Sobrino.

⁹⁵⁴ RICHARD, P. *A força espiritual da Igreja dos pobres*. Petrópolis: Vozes, 1989. Id. *Força ética e espiritual da Teologia da Libertação*. São Paulo: Paulinas, 2006.

⁹⁵⁵ Sustentabilidade da Vida e Espiritualidade / Sociedade de Teologia e Ciências da Religião – SOTER (Org.). São Paulo: Paulinas, 2008.

⁹⁵⁶ CASALDÁLIGA, P.; VIGIL, J. M. *Espiritualidade da Libertação*. São Paulo: Vozes, 1993.

⁹⁵⁷ SOBRINO, J. *Espiritualidade da libertação*. São Paulo: Loyola, 1992.

⁹⁵⁸ CASALDÁLIGA, P.; VIGIL, J. M. *Espiritualidade da Libertação*, op. cit., p. 228ss.

⁹⁵⁹ Ibid., p. 225.

bíblico, a comunidade e a realidade⁹⁶⁰. Mediante este círculo hermenêutico surge a lucidez de forma crítica no novo povo de Deus. O segundo é o método ver, julgar e agir assumido oficialmente pela Igreja nos documentos latino-americanos como os de Puebla e recentemente de Aparecida bem como os da CNBB nas campanhas da fraternidade. Só é possível ter uma lucidez crítica na leitura bíblica por causa do método ver, julgar e agir, a partir dos pobres. Terceiro, pela caminhada de tantas assembleias participativas seja em âmbito das paróquias, dioceses, com encontros regionais ou nacionais das comunidades eclesiais de base⁹⁶¹.

9.3. Contemplação sobre a caminhada

“O cristão do futuro ou ele será um místico ou não será nada⁹⁶²”, já afirmava Karl Rahner ao largo do século XX. Esta característica da contemplação sobre a caminhada das comunidades eclesiais de base é fundamental para a perseverança no caminho. Este novo povo é perseguido e resistente! Há perseguição extra-eclesial para com este povo e sem olvidar o malogro intra-eclesial por parte de algum modelo eclesial de sociedade perfeita. Este novo povo é um povo de profetas com denúncias das injustiças e esperanças de um mundo possível baseado na justiça e nos mandamentos do amor evangélico de amar o próximo como a si mesmo e até o supino amor aos inimigos (Mt 5, 44). Pedro Casaldáliga elenca sua reflexão sobre a contemplação em sete pontos:

Primeiro, apresenta este novo povo aberto ao Mistério do Deus da Vida e do Amor. Ele faz história com seu povo, um Deus-conosco, Emanuel, fazendo-se presença como Deus Trindade em comunidade. Com sua presença instaura a inicial caminhada do Reino de Deus começando por um determinado povo, mas com uma dimensão e expansão universal de todos os povos para eclodir rompendo fronteiras para todo o universo⁹⁶³.

Em segundo lugar, afirmam o teólogo José María Vigil e Dom Pedro Casaldáliga: “este povo tropeça com Deus nos pobres”. Estes são a maioria dentro do novo povo, entretanto, dentre este há pessoas de todos os estratos sociais, começando um processo de conversão mediante nova compreensão de Deus e de solidariedade. Este “tropear com Deus nos pobres” é uma exigência de um

⁹⁶⁰ MESTERS, C. *Flor sem defesa*. Petrópolis: Vozes, 1983, p. 24s.

⁹⁶¹ BOFF, L. *E a Igreja se fez povo*. Petrópolis: Vozes, 1986, p. 80ss.

⁹⁶² CASALDÁLIGA, P.; VIGIL, J. M. *Espiritualidade da Libertação*, *op. cit.*, p.225.

⁹⁶³ *Ibid.*, p. 225.

“símbolo apostólico renovado⁹⁶⁴” professado na prática da justiça e do amor solidário e igualmente celebrado na “oração pessoal, familiar e comunitária⁹⁶⁵”.

Em terceiro lugar, esta mística de oração e de novos exercícios espirituais leva necessariamente a uma caminhada contemplativa em um sponsal com a natureza além de estabelecer um diálogo intercultural, inter-religioso e ecumênico entre as igrejas cristãs⁹⁶⁶.

Um quarto aspecto é o da vivência alegre do novo povo. Este sonha com utopias, ri e faz humor até de suas próprias mazelas, canta suas próprias músicas, danças suas próprias danças e vive a vida com amor. Um povo vivendo numa unidade de identidade latino-americana, mas, ao mesmo tempo, na atual cultura pluralista e globalizada numa profunda mudança de paradigmas. Significativa uma espiritualidade numa comunidade eclesial, não obstante, tantos estão difusos e indiferentes quanto suas participações numa igreja local⁹⁶⁷, porém vivendo numa sociedade pluralista⁹⁶⁸ em seus respectivos países.

Em quinto lugar, este é um povo de aliança, o qual conserva sua memória histórica nas celebrações quando se veste de “símbolos e de ritos antigos e novos” conservando sua “memória subversiva e exerce a criatividade alternativa⁹⁶⁹”.

Em sexto lugar, este novo povo “cultiva a identidade étnico-cultural, a sensibilidade social e a historicidade política⁹⁷⁰”. Cultivar esta identidade étnico-cultural significa dentre toda essa miscigenação de suas raízes indígenas, afro-descendentes e europeias conservar a identidade de cada uma sem detrimento uma da outra, mas ao mesmo tempo manter uma verdadeira “miscigenação racial” propiciou aqui na América Latina um “sincretismo religioso⁹⁷¹”. Cultivar sua sensibilidade social e historicidade política significa assumir as mudanças sócio-políticas nesta transição longa e árdua de uma sociedade estruturada em classes sociais de elites opressoras para uma sociedade participativa vivendo na comunhão das utopias de um povo fraterno, livre e igualitário.

⁹⁶⁴ Ibid., p. 102.

⁹⁶⁵ Ibid., p. 225.

⁹⁶⁶ Ibid., p. 226.

⁹⁶⁷ MIRANDA, M. F. Igreja Local. *Atualidade Teológica*. Revista do Departamento de Teologia da PUC-Rio, Ano XIV, n. 34, p. 40-58, [jan./abr.] 2010.

⁹⁶⁸ Ibid., p. 41.

⁹⁶⁹ CASALDÁLIGA, P.; VIGIL, J. M. *Espiritualidade da Libertação*, op. cit., p. 226.

⁹⁷⁰ Ibid., p. 226.

⁹⁷¹ BOFF, L. *Igreja: Carisma e poder*, op. cit., p. 193ss.

E por fim, o sétimo ponto deste novo povo é uma nova consciência eclesial partindo da sabedoria “convivencial” e da revelação bíblica, a qual se constitui numa Igreja de comunhão e participação numa prática sócio-política como propõe o documento de Puebla⁹⁷².

9.4. Liberdade dos pobres

Numa longa e árdua labuta pela liberdade dos pobres⁹⁷³, os povos latino-americanos já conseguem respirar um pouco o ar da liberdade. Historicamente, a América Latina já nasceu sob a égide da escravidão tanto religiosa como não-religiosa, produzida pelos povos europeus principalmente os portugueses e os espanhóis. Esta América sempre foi vitimada em suas dimensões, tanto sócio-política como religiosa, com uma forma de “evangelizar” opressora fazendo os povos autóctones de vítimas⁹⁷⁴. Os pobres sofreram duras opressões, mas lutaram para se libertar como os negros e agora os índios. Hoje, continua a luta para libertarem-se das exclusões da globalização do neocapitalismo “sistêmico” no que possui de mais negativo. Os pobres lutam por liberdades nas comunidades e sociedades. O novo povo surge dessa luta e vai ganhando liberdade interior e exterior quando se despojam dos contravalores de opressão para assumirem os valores de libertação como a partilha solidária em combate à pobreza injusta por força da parcialidade de Deus derramando seu Espírito em um novo Pentecostes⁹⁷⁵, pois a América Latina está grávida do Espírito Santo. Assim, a liberdade é seu canto de vitória e de ressurreição histórica⁹⁷⁶.

9.5. Solidariedade fraterna

Uma das características fundamentais do novo povo é a “solidariedade fraterna⁹⁷⁷” entre si e com os outros. Um povo solidário nos momentos de dores e tragédias. Partilha a vida e seus escassos bens econômicos.

Uma solidariedade não nascida de uma teoria, mas surgida de uma necessidade básica de sobrevivência. Por isso se faz da solidariedade uma prática de vida no cotidiano emergindo assim um “novo nome da paz, uma nova práxis

⁹⁷² PUEBLA, 217. Inspira-se, principalmente, na *Gaudium et Spes* e na *Evangelii Nuntiandi*.

⁹⁷³ CASALDÁLIGA, P.; VIGIL, J. M. *Espiritualidade da Libertação*, op. cit., p. 226.

⁹⁷⁴ BOFF, L. *América Latina: da conquista à nova evangelização*. São Paulo: Ática, 1992, p. 9ss.

⁹⁷⁵ CASALDÁLIGA, P.; VIGIL, J. M. *Espiritualidade da Libertação*, op. cit., p. 226.

⁹⁷⁶ SOBRINO, J. *A ressurreição da verdadeira Igreja*, op. cit., p.

⁹⁷⁷ CASALDÁLIGA, P.; VIGIL, J. M. *Espiritualidade da Libertação*, op. cit., p. 226.

do amor e uma nova dinâmica da política⁹⁷⁸. Uma solidariedade fraterna feita de virtudes como a acolhida, a compartilha e o serviço entre si e aos mais pobres. Há claramente dentro desse, por causa de sua espiritualidade cristã e de sua realidade existencial, uma ética da compaixão pela dor do outro⁹⁷⁹. Como observa acertadamente Dom Pedro Casaldáliga nesta caminhada de solidariedade fraterna do novo povo: “Não se discrimina nem pelo sexo, nem pela raça, nem pela crença, nem pela idade, porque sabe que é filho de Deus, procura ser irmão de todos⁹⁸⁰”. Assim se forma neste princípio solidário estabelecendo a comunhão no mundo de uma pluralidade de culturas, etnias, gêneros formando uma unidade vivencial.

9.6. Cruz e a conflitividade

Uma característica bastante acentuada no novo povo pascal é a cruz e a conflitividade⁹⁸¹. Historicamente, os povos da América Latina foram rechaçados pelo poder dos impérios colonizadores. Essa conflitividade histórica é desde os primórdios da colonização com os desbravamentos das terras dos nativos indígenas pelos colonizadores dizimando populações inteiras. Estes tomaram as terras invadindo e dizimando populações inteiras. Ainda de pulso mais aterrador foram os modelos de evangelização com esses povos. Vitimados não só por causa dos extermínios de tribos, mas legitimados pela “evangelização” do dominador⁹⁸².

Outro conflito estabelecido ferrenhamente foi a escravidão dos africanos. A escravidão dos africanos no Brasil de forma oficial aconteceu de 1559 quando a corte portuguesa permitiu o tráfico de africanos trazidos como escravos para trabalhar nas lavouras de cana-de-açúcar e extração do ouro, terminando oficialmente com assinatura da Lei Áurea aos 13 de maio de 1888. Entretanto, mesmo antes da primeira data já havia tráfico de negreiro e escravidão também dos índios. Posterior a 1888, continuaram outras formas de escravidões no Brasil e em outros países latino-americanos. Outra cruz e conflitividade históricas se dignam às formas de evangelização por parte Igreja Católica quando impunha um catolicismo de cunho medieval europeu aos índios e aos negros⁹⁸³. Muitas formas

⁹⁷⁸ Ibid., p. 226.

⁹⁷⁹ METZ, J. B. Proposta de programa universal..., *op. cit.*, p. 353-364.

⁹⁸⁰ CASALDÁLIGA, P.; VIGIL, J. M. *Espiritualidade da Libertação*, *op. cit.* p. 226.

⁹⁸¹ Ibid., p. 227.

⁹⁸² BOFF, L. *América Latina: da conquista à nova evangelização*. São Paulo: Ática, 1992. p. 9ss.

⁹⁸³ Ibid., p. 15ss. A “Evangelização” não foi pela proposta da Palavra de Deus, mas por imposição de devoções e “sacramentalismos”.

de resistências ocorreram por parte dos africanos quando além de possibilitar um sincretismo religioso deu-se uma “camuflagem” do catolicismo popular. Assim, os santos católicos eram cultuados com nomes católicos, mas a realidade subjacente era das entidades religiosas dos deuses africanos.

Neste longo processo histórico, a cruz de Cristo passou a ter o mesmo significado para os povos nativos e para os afro-descendentes. A perseguição por parte das instituições religiosas e governamentais levou estes povos a serem vítimas e a lutarem contra todo tipo de opressão seja da parte do sistema católico seja por parte do sistema de governo. Hoje, este novo povo pascal é uno embora de diferentes culturas abraçando com firmeza e audácia a cruz salvadora de Cristo para destruir todas as cruzes opressoras não salvadoras. Assumem o martírio para instaurar o Reino de Justiça, são perseguidos até a morte em meio a conflitos entre os interesses dos sistemas de poderes opressores⁹⁸⁴.

9.7. Insurreição evangélica

É incomum usar esta expressão “insurreição evangélica⁹⁸⁵” no campo da espiritualidade cristã. No cristianismo primitivo havia situações análogas quando os cristãos se defrontaram com os impérios antigos, principalmente, o romano.

Mesmo tendo sua função de integração social interna a qual se compreende pelas teorias do “funcionalismo estrutural sistêmico⁹⁸⁶”, o cristianismo formulou-se como crítica denunciatória dos poderes imperiais⁹⁸⁷. Conforme Gerd Theissen “a sociologia do movimento de Jesus” se apresenta com essas duas teorias, uma de “integração sociorreligiosa” e outra de cunho dialético do “conflito para transformação⁹⁸⁸”. O cristianismo é fruto de uma integração de Jesus com seus seguidores por uma vivência de valores e, pelo testemunho e pregação dos discípulos enviados, extrapolou as fronteiras de Israel.

Em se tratando do processo de colonização da América Latina, houve um processo de dominação por parte da convivência eclesial com a “evangelização do ponto de vista dos poderosos” como escreveu Leonardo Boff⁹⁸⁹. Contra isso se registrou, em segundo momento, uma “insurreição evangélica” de missionários

⁹⁸⁴ CASALDÁLIGA, P.; VIGIL, J. M. *Espiritualidade da Libertação*, op. cit., p. 227.

⁹⁸⁵ Ibid., p. 227.

⁹⁸⁶ THEISSEN, G. *O movimento de Jesus*. São Paulo: Loyola, 2008, p. 17ss.

⁹⁸⁷ Ibid., p. 18.

⁹⁸⁸ Ibid., p. 18.

⁹⁸⁹ BOFF, L. *América Latina: da conquista à nova evangelização*, op. cit., p. 16.

discordantes da dominação exercida pela Igreja oficialmente. Protestavam e tentavam fazer diferente como foi o caso de muitos missionários, os quais fizeram uma “evangelização do ponto de vista dos oprimidos” e respeitando a “autonomia das culturas” e com um mútuo aprendizado entre evangelizadores e evangelizados⁹⁹⁰.

O teólogo José Maria Vigil, Dom Pedro Casaldáliga e Jon Sobrino têm utilizado duas teorias sociológicas para pôr um sentido evangélico na espiritualidade latino-americana do novo povo pascal. Viver o evangelho de forma testemunhal significa anunciá-lo sempre como Boa-notícia para muitos e “má-notícia⁹⁹¹” para outros. O evangelho deve sempre ser anunciado como força de libertação contra todos os mecanismos opressores no mundo. Deve ser vivido como opção, militância e profecia de lutas contra os ídolos atuais como o “poder”, o “ter” e o “prazer” das sociedades e ao mesmo tempo como anúncio testemunhal de fidelidade ao verdadeiro Deus da revelação bíblica.

Destarte, “insurreição evangélica” porque se insurge contra os mecanismos de opressão com exorbitantes lucros provocando poderes de mortes pelas guerras e armas além do consumismo e da dominação cultural, do fatalismo e da conivência. Requer constantemente um processo de conversão pessoal e comunitária para a transformação de “todos os homens e do homem todo” como propõe o Papa Paulo VI na *Evangelii Nuntiandie* tão assegurada em Puebla. Então, haverá uma transformação estrutural de todas as sociedades⁹⁹².

9.8. Teimosa esperança pascal

Um povo vivendo de esperanças⁹⁹³. A coletânea em homenagem aos 80 anos do teólogo Padre José Comblin tematiza na mesma perspectiva: “A esperança dos pobres vive⁹⁹⁴”. Esta é fundamental no povo pascal. Aliás, ele é pascal porque vive da esperança do ressuscitado mesmo em meio às adversidades do mundo globalizado. Quando parece não mais existir esperanças são capazes de reinventá-la e ressurgem tantas outras latentes na história.

⁹⁹⁰ Ibid., p. 27; 36.

⁹⁹¹ SOBRINO, J. ¿Es Jesús una buena noticia? Disponível em: <<http://www.servicioskoinonia.org/relat/070.htm>>. Acesso em: 16 abr. 2009.

⁹⁹² CASALDÁLIGA, P.; VIGIL, J. M. *Espiritualidade da Libertação*, op. cit. p. 227.

⁹⁹³ Ibid., p. 227.

⁹⁹⁴ A ESPERANÇA DOS POBRES VIVE. Coletânea em homenagem aos 80 anos de José Comblin. São Paulo: Paulus, 2003.

A expressão da teologia paulina: “esperar contra toda esperança” (Rm 4, 18) ressurge da resistência e persistência do caminhar do povo no meio de decepções e fracassos, e em muitos casos o “aparente” triunfo do mal. A fé em Deus era tamanha que o levava a dizer para os que o acompanharam levando seu filho ao sacrifício na montanha: “Permaneçei aqui com o jumento. Eu e o menino iremos até lá, adoraremos e voltaremos a vós” (Gn 22, 5). Entretanto, a espiritualidade do novo povo se funda e se impulsiona pela teimosia em manter antigas utopias do Reino de Deus e construir novos sonhos desse Reino, mesmo com perseguições e mortes. O povo se alegra por seus sonhos e vitórias. É pascal por se viver constantemente da passagem de realidades antigas para novas, mesmo não sendo realidades tão puras, pois, convivem-se as novas realidades com as antigas, entretanto, na busca constante de superação daquelas. Um povo vive em torno a sistemas de morte, mas com esperança de superação. Sofre, mas quando se está nos momentos de festas há danças e cantos de alegria. Quando tudo parece não ter vitória, insurge-se a esperança de uma vida partilhada onde todos possam viver já aqui uma ressurreição histórica de um mundo transformado.

9.9. Conclusão

Concluindo de maneira bem breve este oitavo e último capítulo da terceira parte desta tese, fez-se como espiritualidade do seguimento de Jesus-servo de Deus para todos os sedentos de libertação histórica e salvação escatológica. Uma espiritualidade com sete características sendo elas as mesmas da Igreja dos pobres como um novo povo pascal por que possui a Jesus-Servo de Deus como seu fundador.

A primeira característica é da “lucidez crítica” como a capacidade de criticar a realidade injusta contrária ao Reino de Deus. A segunda é a da contemplação na caminhada. É um povo místico orante vivendo o Mistério do Deus Trinitário da comunhão, vida, solidariedade, misericórdia, alegria e ensaiando a superação dos conflitos mediante o ecumenismo e o diálogo interreligioso. A terceira é a liberdade dos pobres. Paulatinamente, a liberdade vai se tornando um valor maior e solidificado numa América Latina onde se passou por ditaduras militares. A quarta é a solidariedade fraterna. Uma consciência de fraternidade continental emerge em todas as latitudes e longitudes geográficas. A quinta é a cruz e a conflitividade que ainda existe e suporta o peso com fé e

esperança de transformações históricas e globais. A sexta é a insurreição evangélica como um movimento universal de extrapolar as fronteiras de um grupo ou comunidade. É o evangelho profético da denúncia e do anúncio de Reino de Deus e, por fim, a sétima é a teimosia pascal da esperança. Um povo que vive de esperanças contra toda esperança, assim como Abraão no sacrifício de seu filho Isaac e Maria aos pés da cruz com a esperança da ressurreição do seu Filho Jesus.

Assim, é a caminhada de um povo pascal que segue Jesus-servo de Deus e vive numa Igreja-serva na qual possui também seus profetas-mártires com as dimensões reveladas da longa tradição do povo de Deus no Antigo Testamento e no Novo Testamento como Jesus: as dimensões: *Eleição, missão e destino histórico e escatológico*.